

Haver e ter – balanços e perspectivas

Maria Teresa Brocardo

Abstract: In this working paper I briefly present my current research on the diachrony of Portuguese *haver* and *ter* ('have'). I focus on their occurrence in expressions that allow for an epistemic reading (paraphraseable by full epistemic verbs such as modern *considerar* 'consider' or *achar* 'find') in Old Portuguese. The diversity of the functioning of these verbs – main full and light verbs, auxiliaries – clearly shows that they are grammaticalized forms, just as similar verbs interlinguistically. More specific to Portuguese is the early emergence of *ter* in competition with *haver*, leading in some cases to the obsolescence of the latter. But in both deontic periphrases (*haver / ter* (Prep) + INF) and epistemic expressions they do not follow the general trend, showing clearly distinct paths. The main objectives of the research will be to identify the conditioning factors and the 'sources' (as defined by Heine & Kuteva 2002) for their grammaticalization in constructions with epistemic readings.

1. Brevíssimo balanço e enquadramento geral

Em português contemporâneo é claramente *ter* que assume uma maior variabilidade, ocorrendo em diferentes construções, como verbo principal pleno (*Tenho uma casa / dois filhos / cabelos brancos...*) ou leve (*Tenho muitas discussões com ela*), como auxiliar de tempos compostos (*Tenho encontrado a Maria / estado engripada*), em perífrases modais (*Tenho de acabar isto*), e mesmo como existencial, suplantando *haver*, em registos do português do Brasil (*Tem gente assim*).

Numa perspectiva diacrónica, destacam-se como especificidades do português, em contraste com outras línguas românicas, a obsolescência total de *haver* como verbo pleno de 'posse' ou verbo leve (tendência neste caso partilhada com o castelhano), bem como uma tendência marcada para o seu desuso, na maior parte dos registos, como auxiliar de tempos compostos. Poder-se-ia falar aqui em obsolescência parcial, visto que, embora *haver* persista efetivamente em certos registos, não só há diferenças em termos de frequência de uso, como a possibilidade da sua ocorrência nos diferentes paradigmas e formas flexionadas parece também ser desigual (cf., por exemplo, *ha-*

via(m) dito / ?hei dito / ?hão dito), o que talvez permita falar em defetividade no caso do pretérito perfeito composto. Já em perífrases com infinitivo que associam valores modais deonticos a valor temporal de futuro, a diacronia de *haver* e *ter* parece mostrar um percurso diferente (cf., p. ex., Brocardo 2013, 2014), e limito-me aqui a notar a persistência de *haver* neste tipo de construções. Não se verifica, portanto, neste tipo de funcionamento a tendência inovadora, e que é bastante precoce na história do português, correspondente à emergência de *ter* em competição com *haver*, em diferentes contextos sintático-semânticos. A emergência de *ter* nestas perífrases parece ser de facto mais tardia, como já observado por vários autores, e em qualquer caso há uma diferenciação de valores nas perífrases com *haver* e *ter* (cf. Brocardo 2013: 84, com remissão também para outras referências).

O trabalho sobre *haver* e *ter* que tenho desenvolvido e que pretendo alargar e aprofundar assume uma opção teórica que se enquadra nos estudos de gramaticalização, dado que, como referi acima, o funcionamento destes verbos evidencia claramente que se trata de verbos gramaticalizados. Este enquadramento deverá fornecer as ferramentas adequadas para uma investigação

CADERNOS WGT: (Novos) *Balanços e perspectivas*

[Brocardo, M. T. & Clara Nunes Correia (orgs.) (2018) Lisboa: FCSH | NOVA]

sobre formas e construções que, em diacronia, evidenciam processos de mudança – que se manifestam como inovação / obsolescência e persistência – decorrendo da competição entre formas / construções para a expressão de valores próximos, configurando justamente processos de gramaticalização. Estes processos terão contrapartida no funcionamento da língua observável em sincronia, na linha de generalizações como a formulada por Heine & Miyashita (2008: 54) como uma ‘hipótese de gramaticalização’: «...it is maintained that since language structure is the product of processes that happened in the past, it can be explained with reference to these processes; we will refer to this as the grammaticalization hypothesis.». Em termos muito genéricos assumirei, portanto, a interdependência de processos diacrónicos e funcionamento sincrónico, na linha do que Lehmann (2005: 153) defende e de resto ilustra justamente com o exemplo de um verbo do tipo de *haver*: «Synchrony and diachrony are two perspectives on the same thing. There are no purely synchronic and no purely diachronic phenomena; there is only a synchronic and a diachronic side to a linguistic phenomenon. In modern English, *have* ‘possess’ bears a synchronic relation to *have* AUX, whose diachronic counterpart is the evolution of *have* AUX out of *have* ‘possess’.»

2. Algumas perspetivas

As ‘perspetivas’ que aqui brevemente apresento situam-se na continuidade do trabalho sobre *haver* e *ter* na história do português, referindo-se especificamente ao trabalho, em curso, sobre a ocorrência destes verbos em construções que desencadeiam leituras caracterizáveis como epistémicas, no sentido em que marcam alguma expressão da validação, por parte do enunciador, do que é expresso no enunciado (parafraaseáveis por *considerar* / *achar* (...)) em português contemporâneo).

Estas construções parecem ser pouco produtivas na língua atual. No caso de *ter*,

ocorrem em expressões como como *ter para (mim)* ou *ter (...) por*, como nos exemplos:

1. **Tenho para mim** que, numa situação de ditadura, a SIC a serviria melhor que qualquer das suas concorrentes.

2. Embora com aspectos pontuais positivos, o balanço geral **tenho-o por** negativo. [CETEMPúblico]

No caso de *haver*, ocorre a expressão *haver por bem*, que alterna com *achar* / *entender por bem*, de que geralmente se infere “decidir / fazer (alguma coisa)”:

3. A fim de evitar que isso acontecesse, os organizadores do colóquio **houveram por bem** encomendar uma sondagem.

4. **houve por bem** desistir do espectáculo. [CETEMPúblico]

É de assinalar aqui a persistência de *haver*, mas com aparente lexicalização, no sentido de perda de composicionalidade da expressão, o que é de resto típico em casos de obsolescência de uma dada forma.

No que respeita aos dados para o estudo diacrónico, parto da análise de ocorrências de *haver* / *ter* com o referido funcionamento atestadas em testemunhos do português antigo. É notória a competição entre os dois verbos no mesmo tipo de contextos, por exemplo na expressão *haver* / *ter por bem*, como atestado em:

4. e outorgarõ *que* eu fezesse hy aquilo *que por bẽ teuesse* assi en Juyzo como en auéença como en Aruidro [CAIII, 1270]

5. Esta ujnha tenhadess uoss en dyas de uossa ujda *e* dũa <uosa fy’lha> {pesoa qual uos *e* noss **ouuermoss por bẽ**}. [DPNRL, 1294]

Há, no entanto, (aparente) divergência nas estruturas em que ocorrem, assinalando-se *ter*, mas não *haver*, introduzindo uma completiva:

6. E asi estauã os campos *e* uales *e* mōtanhas cubertas deles *que* os mais dos *cristaaos que* hy

forã **tijnhã** que tâta caualaria de mouros nõ podia auer ã todo africa nẽ en asya. [LLC, séc. XIV]

Outros dos aspetos que necessariamente terá de ser analisado é o da competição com verbos epistémicos plenos, que se observa, aparentemente, no contraste entre exemplos como 6 e 7:

7. Mays todo esto nõ lhis ualia rem ca os cristãos crecialhis mays e mais as forças. **entêdiã** que andauã cobertos da graça da uera cruz ã que tragiã os olhos. [LLC, séc. XIV]

Em função do enquadramento acima referido, definem-se com objetivos da investigação, entre outros, formular hipóteses sobre os fatores que terão estado associados à emergência de leituras epistémicas, bem como procurar determinar que tipo de funcionamento de *haver* / *ter* constitui a sua fonte (na aceção de Heine & Kuteva 2002), ou, dito de outro modo, que ligação se pode estabelecer diacronicamente entre a emergência de usos epistémicos e outros funcionamentos de *haver* / *ter*.

Alguns resultados, ainda muito preliminares (Brocardo 2017), apontam para que neste tipo de construções a competição entre *haver* e *ter* é precoce, como acontece noutros funcionamentos destes verbos. Assim, por exemplo, ambos ocorrem em estruturas transitivas predicativas (*aver* / *ter* ... (*por*) ...) em que coocorrem formas / expressões lexicais (*firme*, *estauil*, *por bem*...), que favorecem a inferência do valor epistémico da construção, e que corresponderá a uma validação ‘forte’ do assertido. Há, porém, indícios de contrastes, como o já acima referido, eventualmente entre outros, cuja identificação, porém, carece ainda de uma análise mais alargada e aprofundada dos dados.

Termino com uma breve referência a questões de ordem metodológica. Na linha do que tenho defendido noutros trabalhos (p. ex., Brocardo 2014), a sustentação das generalizações e hipóteses a formular sobre os

aspetos linguísticos que são objeto do estudo deverá sempre atender às especificidades dos textos / testemunhos que são usados como fontes para recolha dos dados. Isto implicará necessária e obviamente considerar as limitações impostas a estudos diacrónicos, tendo em conta, por exemplo, a representatividade diferenciada, quantitativa e qualitativamente, das fontes, em diferentes sincronias, incluindo questões associadas à diferenciação de géneros textuais, que poderão condicionar a ocorrência de determinados tipos de formas ou construções.

Referências

- Brocardo, M. T. (2013) Sobre o 'futuro' - formas e construções marcadoras de posterioridade em textos portugueses dos séculos XIII a XV. In R. Álvarez et al. (orgs.) *Ao Sabor do Texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Univ. de Santiago de Compostela, pp. 77-90
- Brocardo, M. T. (2014) Gramática e texto em diacronia - *haver* (mais-que-perfeito simples) *de* + infinitivo em duas crónicas de Zurara. *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies*, 10, pp. 39-47
- Brocardo, M. T. (2017) Construções com *haver* e *ter* de valor epistémico – alguns dados de testemunhos dos séculos XIII-XIV. Com. apr. a *Ivo – IV CILH*. Lisboa. FLUL
- Bybee, J. (2002) Cognitive processes in grammaticalization. In M. Tomasello (ed.) *The New Psychology of Language*. Vol. II. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc.
- Bybee, J., R. Perkins & W. Pagliuca (1994) *The Evolution of Grammar: Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World*. Chicago: University of Chicago Press
- Heine, B. & T. Kuteva (2002) *World Lexicon of Grammaticalization*. Cambridge: CUP
- Heine, B. & H. Miyashita (2008) The structure of a functional category: German *drohen*. *Language Sciences* 30, pp. 53–101
- Lehmann, C. (2002²) *Thoughts on Grammaticalization*. Erfurt: ASSIDUE 9

Teyssier, P. (2005) *A Língua de Gil Vicente*. Lisboa: IN-CM

Brugman, C. (2001) Light Verbs and polissemey. *Language Sciences* 23, pp.551-578

Fontes dos exemplos

CETEMPúblico 1.7 v. 8.0 (ac. 02.03.18)
<https://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>

DPNRL - Documentos portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa - Martins, A. M. (2001) Documentos portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa: Da Produção Primitiva ao Século XVI. Lisboa: IN-CM

LLC - Livro de Linhagens do Conde D. Pedro - Brocardo, M. T. (2006) Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. Edição do fragmento manuscrito da Biblioteca da Ajuda (século XIV). Lisboa: IN-CM